

Muitos textos têm surgido na mídia, sobretudo em jornais e revistas, discutindo temas educacionais, fato esse já apontado em editoriais anteriores. Em relação ao ensino público fundamental e médio, lê-se, diariamente, algo a respeito de debates em torno de políticas públicas, de avaliações de alunos e também de professores; das dificuldades em atingir as metas pedagógicas, além de muitas outras questões do cotidiano escolar, tais como a violência, o mau estado de conservação dos prédios, os problemas com a merenda, os uniformes e tantos outros. Os dados apresentados e/ ou as opiniões defendidas expõem um quadro geralmente negativo da situação do ensino em nosso país. Entre os assuntos tratados, um tema recorrente tem sido o da formação do professor, suas lacunas e os desacertos dos responsáveis por tal formação, questão essa que nos atinge diretamente, uma vez que esta revista é ligada à Faculdade de Educação de uma universidade estadual paulista.

Em um texto no qual a ex-secretária da Cultura do Estado de S. Paulo, Claudia Costin, “despede-se”<sup>1</sup> para assumir o cargo de secretária da Educação do município do Rio de Janeiro, ela começa por assinalar a comprovada importância da educação como “caminho de combate à pobreza”, de acordo com dados de relatórios do Banco Mundial, bem como a necessidade de oferecer um ensino de qualidade. Entre os problemas a serem enfrentados, aponta “a formação inadequada do professor” e, baseando-se em estudo realizado pela Fundação Carlos Chagas em parceria com a Fundação Victor Civita, afirma que “a formação para o ensino infantil e fundamental é deficiente e não prepara [os professores] para a sala de aula”. E salienta aspectos dessa formação caracterizada por uma carga horária excessiva de “fundamentos teóricos da educação que preparam o futuro docente do ponto de vista humanístico – disciplinas como Sociologia, Filosofia ou História da Educação”; e continua: “alguém que domina a diferença entre Vygotski e Piaget e conhece a fundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação não é necessariamente habilitado para ser um bom

---

1. O texto é de 5 de janeiro de 2009, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, no qual a autora apresentou uma série de artigos sobre políticas públicas.

professor”. Poderíamos até, parcialmente, concordar com essa afirmação, mas não sem, antes, avançarmos algumas questões: os professores, de fato, “dominam” os fundamentos teóricos mencionados? E seria a “carga horária excessiva” de estudos das disciplinas básicas a causa ou uma das razões pelas quais os professores não saem preparados para enfrentar a sala de aula? É dessa falta de preparo que adviriam os problemas ligados ao fato de que a “escola não está levando ao aprendizado”<sup>2</sup>, o que, por sua vez, acarretaria o desinteresse do aluno pelas instituições de ensino?

Na tentativa de examinar pontos da formação docente, vale mencionar os resultados de uma pesquisa publicada na revista *Nova Escola*, em dezembro de 2008. Ali, tomam-se expressões usadas corrente e freqüentemente pelos professores, oriundas de trabalhos de grandes educadores ou pesquisadores que contribuíram para refletir sobre problemas educacionais e analisam-se as transformações dessas expressões em jargões sem nenhum significado claro para o próprio educador; ou, o que é pior, em formas resultantes de uma deturpação tal do significado original que as tornou muito distante das idéias propostas pelos pensadores. A pesquisa, denominada “Discurso Vazio” ou, segundo a capa, “O blabláblá da Educação”, reproduz alguns desses jargões, tais como: “aprender brincando”; “levantar o conhecimento prévio”; “formar cidadãos”; “aumentar a auto-estima”; “fazer avaliação formativa”; “trabalhar a interdisciplinaridade”; “partir do interesse dos alunos”; “desenvolver a criatividade”; “focar a realidade do aluno”. Descreve o que é compreendido pelos professores que procuram seguir o que consideram ser diretrizes para seu trabalho em sala de aula; discute com alguns especialistas ou menciona trabalhos de educadores bem conhecidos, como Paulo Freire, para esclarecer o que, de fato, significam tais expressões.

Em decorrência dessa análise, sobressai uma grande defasagem entre, de um lado, os sentidos possíveis das grandes idéias derivadas do campo filosófico e das ciências da educação e, de outro, as interpretações comuns, freqüentemente transpostas como normas ou fórmulas mágicas a serem seguidas pelo professor para obter um “ensino de qualidade”. Parece-me que essa investigação não corrobora em nada a afirmação da atual secretária da Educação do município do Rio de que há uma excessiva ênfase nos fundamentos da educação; pelo contrário, leva a pensar que, se, de fato, houvesse uma prioridade nos conteúdos de disciplinas básicas, o professor perceberia, por exemplo, que a prática de seu ofício não se reduz à transposição de idéias de pensadores para a sala de aula, nem tampouco a uma mera aplicação de métodos preestabelecidos; ele estaria

2. “Quando um aluno é reprovado, é sinal que o professor falhou”, declarou a atual secretária da Educação do município do Rio de Janeiro, em entrevista ao jornal *O Globo*, em 08-11-2008.

mais capacitado a compreender as múltiplas dificuldades inerentes ao complexo processo de ensino-aprendizagem e, por conseguinte, a melhor conduzir suas atividades práticas.

Se não nos cabe aprofundar, neste momento, um debate sobre os problemas dessa formação, vale, entretanto, apontar alguns dados a respeito dos professores em exercício no Estado de São Paulo e as condições de sua contratação.

Após a promulgação de resultados de uma prova de 25 itens, realizada para seleção de professores no Estado — prova essa na qual 1.500 candidatos que já atuavam na rede de ensino tiraram nota zero, outros 2.000 também zeraram e outros muitos acertaram apenas um ou dois itens —, uma série de notícias e troca de acusações entre a secretária da Educação e a direção da Apeoesp espalhou-se pela mídia, nas últimas semanas, e o problema foi parar na Justiça. O que nos interessa não é a prova em si mesma que, segundo variadas fontes, foi mal elaborada e apresentou-se eivada de erros de português, mas a divulgação de dados alarmantes a respeito da contratação dos professores. Em um Estado que necessita de 230 mil professores, apenas 130 mil são concursados; portanto, os demais 100 mil, ou seja, 43% do total, são contratados em caráter temporário. O próprio TRT (Tribunal Regional do Trabalho) considerou esse percentual “acima do limite técnico apropriado”. Colabora para essa situação o fato de que desde 2006 não se realizam concursos para professores. O governo estadual deve abrir concurso para 75 mil professores, o que não ocorrerá imediatamente, em razão dos gastos implicados, da necessidade de aprovação pela Assembléia, etc.

Em síntese, esse quadro do Estado mais rico e desenvolvido da nação, que é o terceiro que mais emprega na categoria de temporários<sup>3</sup>, indica claramente a situação precária na qual trabalham esses professores, questão essa que afeta, sim, diretamente, o trabalho em sala de aula com os alunos. Contratados temporariamente, sujeitos a instabilidade de todo tipo, sem condições de organizar seus projetos com um mínimo de continuidade, esses professores ainda são responsabilizados pelos insucessos do processo pedagógico.

Retomando o que escreve Claudia Costin, é lamentável que suas críticas à capacitação dos professores se limitem a reproduzir lugares-comuns e se acompanhem de um total silêncio — e sabemos o quanto o silêncio é “matéria significativa por excelência”<sup>4</sup> — a respeito das condições reais de trabalho desses

3. O Estado de S. Paulo tem um terço de um total de cerca de 300 mil docentes temporários que atuam em escolas estaduais do país, perdendo apenas para Minas Gerais e Mato Grosso. (*O Estado de S. Paulo*, 20-02-2009).

4. Cf. *As formas do silêncio — no movimento dos sentidos*, de Eni Orlandi, S.Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp.

profissionais, incluindo a situação precária de contratação de grande parte do professorado.

O dossiê deste número tem por tema *Ensino superior e circulação de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal*. É coordenado pela Professora Dra. Neusa Gusmão, que tem realizado estudos a respeito de imigrantes africanos de língua portuguesa e no momento, mais especificamente, sobre a migração temporária de estudantes africanos que buscam sua formação em nosso país. De fato, a constituição, nas últimas décadas do século XX, de novos estados nacionais africanos de língua portuguesa leva muitos estudantes dos países africanos de língua oficial portuguesa — Palop — a procurarem formar-se no Brasil e em Portugal. A organizadora lembra que, também colonizado por Portugal, com as vantagens de possuir com ele, por exemplo, uma língua em comum, o Brasil integra o grupo de “países emergentes” e tem estabelecido acordos com países da África, o que facilita a vinda dos estudantes para o nosso país. O dossiê reúne textos de dois portugueses, três brasileiros e um moçambicano e tem a finalidade de elaborar um mapeamento das formas de vida e de múltiplas representações desses estudantes no “contexto nacional do Brasil, de Portugal e no próprio mundo africano, a partir do mundo acadêmico”. Ao tratar de uma questão específica — as conseqüências das relações entretecidas entre um país europeu, Portugal, e um país emergente, Brasil, e os estudantes provenientes dos Palop —, estes textos propiciam uma importante reflexão sobre um problema mais amplo, qual seja, o da multiplicidade de formas de circulação de pessoas e suas conseqüências, questão primordial de nossa época e do processo de globalização que vivemos nestes últimos tempos.

Os cinco artigos tratam de questões envolvendo temas como: história e filosofia da educação em Hegel; práticas disciplinares no período inicial da República no Estado do Paraná; políticas de atendimento de crianças de 0 a 3 anos; avaliação diagnóstica do Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE); e o encontro entre pesquisadora e professora em sala de aula, que traz interessante contribuição para se pensar a relação entre pesquisa e ensino-formação docente.

Uma resenha completa este número, comentando o belo livro organizado pela Professora Dra. Carmen Lucia Soares — *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação* —, tema de importância e interesse para a área educacional, sobretudo na visão defendida pela Professora Carmen.

A seção Diverso e Prosa publica um texto histórico: uma carta de Bakunin (1814-1876) ao seu amigo e geógrafo Elisée Reclus, enviada no período em que aquele vivia na Suíça, já no final de sua vida.

\* \* \*

Impossível terminar sem mencionar, com profundo pesar, o falecimento, em janeiro último, do Dr. Hilário Fracalanza, professor que, mesmo após sua aposentadoria, permaneceu em nosso meio como colaborador, dirigindo e participando ativamente de pesquisas, até momentos antes de seu desaparecimento. Especialista na área de ensino de Ciências, dedicou grande parte de suas pesquisas dos últimos anos à Educação Ambiental, tema sobre o qual desenvolveu projetos dos quais participaram renomados pesquisadores e orientandos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores da Área de Ciências (Formar) da Faculdade de Educação da Unicamp. Seu exemplo de dedicação e coragem e sua luta incansável pela formação de professores e pelo compromisso social da universidade pública serão sempre, para nós, fonte de grande inspiração.

\* \* \*

E, por fim, lembramos que, em 2009, a *Pro-Posições* completa 20 anos de publicação ininterrupta. Desde 2000 até o final de 2008, esteve sob a competente direção da Profa. Dra. Agueda Bernardete Bittencourt, que envidou esforços para alçar a revista ao alto nível ora atingido. Contando com claro apoio da direção da Faculdade de Educação da Unicamp e do CNPq/Capes, este periódico foi classificado pelo último Qualis na categoria A1 e vem sendo publicado desde 2008, pelo SciELO. A Comissão Editorial continuará a contar com a participação da Professora Agueda e manter-se-á fiel a uma política abrangente, favorecendo a publicação de textos que, independentemente da área de conhecimento, contribuam para uma reflexão crítica sobre as várias dimensões da Educação.

*Luci Banks-Leite*